

Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda...: problematizando um dispositivo de psicanálise em extensão¹

*When I let out my voice out, do please understand...:
considering the implications of a device of
psychoanalysis in extension*

Fania Izhaki*

Beatriz Chacur Biasotto Mano**

Beatriz Pinheiro de Andrade***

Resumo

Este artigo levanta questões sobre uma prática de psicanálise em extensão. Descreve a construção do dispositivo clínico *Tá na Roda* que visa tornar o grupo um entorno maleável capaz de acolher, conter e – quem sabe – ajudar a metabolizar experiências de sofrimento. A partir de Green, salientamos como a prática clínica em instituições se dá, necessariamente, imersa num entrelaçamento de enquadres e transferências. Na parte final, através da descrição da dinâmica de um atendimento singular nos aproximamos da riqueza e dos desafios característicos deste tipo de trabalho.

Palavras-chave: Psicanálise em extensão. Dispositivo. Grupo como entorno maleável. Simbolição. Meio maleável. Pensamento clínico. Enquadramento.

Abstract

*This article raises questions from a psychoanalysis practice in extension. It describes the construction of the clinical device **Tá na Roda** that aims at making the group a malleable environment able*

1. Uma versão preliminar deste texto foi apresentada e comentada por Emília Estivalet Broide e Carla Penna em junho de 2021. Agradecemos às comentaristas suas contribuições, em particular à Emília pelo título do artigo.

* Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em Medicina Social pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. faniaizhaki@hotmail.com

** Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. bcmano@gmail.com

*** Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. beatriz.pinheirodeandrade@gmail.com

to welcoming, containing and perhaps helping to metabolize experiences of suffering. After Green, we understand how practice in institutions is necessarily immersed in an interweaving of transferences and framing up. In the final part, through the description of the dynamics of a series of meetings, we approach the wealth of processes and challenges characteristic of this kind of work.

Keywords: *Psychoanalysis in extension. Device. Group as malleable environment. Symbolization. Clinical thought. Setting.*

Neste trabalho apresentamos algumas características do dispositivo *Tá na Roda*, uma prática de psicanálise em extensão, exercida desde 2015 numa instituição de educação complementar para jovens de comunidades do Rio de Janeiro. A instituição recebe cerca de cem jovens com idades entre 15 e 24 anos a cada ano oferecendo-lhes oficinas artísticas (teatro, dança, música, circo, artes plásticas) e outras oficinas variadas (discussão de valores e virtudes, meditação, horta) dentro de uma proposta de formação humanística. A inclusão do *Tá na Roda*, nosso dispositivo de intervenção, se deu inicialmente de modo experimental, sendo posteriormente feito um convênio com o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro que formalizou a inclusão da atividade dentre as oferecidas pela instituição.

Ao denominarmos nossa prática como psicanálise em extensão levamos em conta tanto a migração da psicanálise em direção às instituições, iniciada pelos trabalhos pioneiros de Foulkes e de Bion, quanto o movimento mais geral de migração para o social ou de presentificação da psicanálise no mundo, apontado por Lacan, quando cunhou o termo psicanálise em extensão.

Acompanhamos Roussillon quando diz que há uma urgência política em defender o rigor e a coerência das práticas clínicas de psicanálise em extensão, seja entre os pares psicanalistas ou nos debates sociais. Mas há, também, uma urgência pragmática no sentido de poder “estabilizar a identidade dos próprios clínicos”, dotando-os de uma teoria rigorosa de sua prática e dos modelos desta, que os habilite “a proteger suas condições de exercício e a fazer valer a sua pertinência” (ROUSSILLON, 2019, p. 14).

A psicanálise em extensão tem enriquecido nossa prática psicanalítica, primordialmente pela complexidade a ser enfrentada, seja por trabalharmos com um dispositivo de intervenção grupal diferenciado daquele utilizado pela terapia de grupo, seja pelo encontro com uma população marcada pela vulnerabilidade social em diferentes níveis e intensidades, seja por atuarmos dentro de uma instituição, ou ainda, porque, enquanto coordenadores, precisamos trabalhar como um grupo cuja tarefa é a condução dos encontros, que a partir de agora chamaremos de *Rodas de Conversa*.

A interlocução com as questões básicas da psicanálise, individual ou de grupo, sempre nos orienta nestes enfrentamentos, na medida em que, para a psicanálise em extensão, os dispositivos clássicos devem persistir como “modelos”, pois são os mais “bem conhecidos, os mais depurados e, portanto, também os mais bem teorizados” (ROUSSILLON, 2019, p. 15).

A construção do dispositivo *Tá na Roda*

O uso do termo *dispositivo* para definir nossa prática exige algumas considerações. O conceito de dispositivo foi definido por Foucault como uma rede heterogênea e mutável de elementos que abrangem “discursos, instituições, projetos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma, tanto o dito quanto o não dito...” (FOUCAULT, 2001, p. 299). Para Deleuze, o dispositivo é “uma multiplicidade na qual operam certos processos em devir e que procura resolver uma certa situação de urgência, produzindo, assim, novos e imprevistos efeitos que atuam transformando o próprio dispositivo” (DELEUZE, 2016, p. 363 *apud* Franco, 2018).

O dispositivo *Tá na Roda* é uma rede que entrelaça os discursos dos jovens, dos psicanalistas, dos professores, funcionários e diretores bem como as regulamentações, medidas, proposições filosóficas e morais e até as condições do social em que todos estamos inseridos. A amplitude dos elementos considerados abre caminho para fazer do dispositivo um local de condensação de histórias pessoais, institucionais e sociais. Nosso objetivo enquanto coordenadoras é potencializar os processos de devir grupais que emergem ao longo dos encontros.

Quando de nossa chegada à instituição, optamos por iniciar nosso trabalho através de uma *observação participante* em todas as oficinas em funcionamento. A observação participante é uma fase do método etnográfico característico da Antropologia. Durante três meses frequentamos as oficinas como observadores indo em busca do que lá acontecia num clima de respeito e empatia, deixando-nos afetar. Achamos interessante passar por esta experiência antes de propor qualquer intervenção na medida em que precisávamos levar em consideração a alteridade e a singularidade tanto dos jovens quanto da instituição à qual estávamos chegando. Assim, deixamo-nos penetrar pela inquietante estranheza, familiarizando-nos com as diferenças. Enquanto coordenadoras, temos procurado, ao longo dos anos, manter esta postura viva.

Durante este período o que mais nos chamou a atenção foi a maneira como algumas oficinas (teatro e discussão sobre valores e virtudes, em especial) funcionavam como “grupos naturais”, isto é, lugares de vida que os alunos já usavam para encenação e discussão, tanto de questões específicas da adolescência, quanto de situações traumáticas, por exemplo: desabamento da casa, morte do pai, brigas domésticas, tentativa de estupro... Havia um apelo ao gru-

po e/ou aos coordenadores das oficinas de um encontro que reconhecesse, aliviasse ou propiciasse alguma metabolização do que havia sido vivido. Isso nos fez pensar que havia ali, como diz Roussillon (2012): “um quinhão de realidade psíquica inconsciente do sujeito, (...) em sofrimento de simbolização e de integração” e que se apresentava “como uma forma de negatividade em ato para a subjetividade, isto é, um não pensado, um não dito, um não sentido, um não visto, um não refletido – logo, um não metabolizado e um não apropriado” (ROUSSILLON, 2012, p. 36, tradução livre). Nossa proposta foi entrar neste circuito, oferecendo um dispositivo que propiciasse a possibilidade de transferência, no aqui e agora do encontro, da realidade psíquica que sofre por integração.

As observações participantes também evidenciaram a importância da troca entre os jovens quando encenavam e discutiam suas questões nas oficinas. A solidariedade e a identificação cruzada, bem como o hábito dos jovens de trabalho em grupo, apontavam que deveríamos considerar o grupo como nosso objeto de intervenção. Assim sendo, propusemos a estes jovens encontros semanais de uma hora, reunindo um grupo de, aproximadamente, 25 jovens e duas psicanalistas coordenadoras.

A origem da palavra grupo, no francês, está associada à disposição de objetos ou pessoas numa obra de arte. Os grupos nas obras de arte são tratados considerando posições, perspectivas, cores, relações, contrastes que visam torná-los um todo que transcende a soma dos elementos. Nos encontros do *Tá na roda*, sempre temos como horizonte transformar o estranhamento inicial de cada participante por estar num grupo numa dinâmica de trocas entre os adolescentes que acabe por fazer com que valha a pena estar juntos na medida em que se forme um coletivo, no sentido etimológico da palavra, isto é, o colher junto, reunir para a colheita. Construir um dispositivo que acolha as singularidades e o estar grupal permitindo que se institua o coletivo (o colher junto) passou a ser nosso desafio quando nos propusemos a trabalhar o *Tá na roda*.

Duas experiências de trabalho nos inspiraram para pensar as características do dispositivo *Tá na Roda*: as Conversações, praticadas pelo *Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant (CIEN)* e os trabalhos sobre o uso de meios maleáveis dos psicanalistas de Lyon.² As Conversações são uma proposta de intervenção interdisciplinar no social com a intenção de produzir “uma associação livre

2. Neste trabalho não nos deteremos na discussão da utilização de práticas de mediação terapêutica que tiveram Winnicott e Milner como precursores e vem sendo aprofundada por psicanalistas de Lyon, principalmente, Anne Brun, Bernard Chouvier e René Roussillon.

coletivizada, da qual se espera um efeito de saber”. Uma prática da palavra em que aquele que fala pode ser subvertido a partir de sua própria fala, ali onde ele habitualmente não se ouvia. Uma prática que busca criar a possibilidade de deslocamento do que seja obstáculo para um ou para muitos, abrindo caminho para conversações imprevistas e imprevisíveis.³ Neste processo pode se produzir, ainda, o que Eric Laurent chama de “um afrouxamento das identificações primordiais do sujeito”.⁴

As Conversações nos inspiraram e criaram questionamentos que ecoaram ao longo de nossa experiência. O lugar dos analistas nestes grupos e a forma como o analista interfere no grupo para catalisar a emergência de uma nova ótica são questões que só podem ser resolvidas ao longo dos processos singulares de conversação. Não é à toa que o CIEN chama cada uma dessas experiências de laboratórios. Para nós cada experiência tem sido um laboratório.

Por outro lado, foi através do uso que alguns alunos já faziam das oficinas artísticas como espaço de simbolização e de integração, que sentimos necessidade de nos aprofundarmos nos estudos sobre mediação terapêutica. Assim o que já era feito de forma espontânea transformou-se numa metodologia de trabalho apoiada nos estudos que abordam “os fundamentos epistemológicos das práticas de mediação terapêutica notadamente em práticas institucionais” (BRUN, 2013, p. 2) e os grupos de criação (*Ibid.*, p. 96).

Com esta exposição da construção do dispositivo *Tá na Roda* esperamos ter deixado claro ao leitor o fato de que ainda que não seja um dispositivo de terapia, ele é um dispositivo de intervenção coordenado por psicanalistas que exercem sua escuta numa situação de psicanálise em extensão, podendo ou não ser terapêutico. Há um trabalho clínico feito por psicanalistas num enquadre bastante diferente do das terapias psicanalíticas. E, assim, voltamos para a necessidade de interlocução com questões básicas da psicanálise como o enquadre, o que nos levou à interlocução com as afirmações de André Green.

3. Terre du CIEN n. 25 « Du pari d'orienter l'inter- » Judith Miller. Citado em Rapport diffusé en préparation de l'AG du CIEN du 13 juin 2009, rédigé par Ariane Chottin, Françoise Labridy et Claire Piette.

4. Le Pari de la conversation 2000/01, publication du CIEN « L'invention d'une clinique du lien social en dix points » Philippe Lacadée. citado em Rapport diffusé en préparation de l'AG du CIEN du 13 juin 2009, rédigé par Ariane Chottin, Françoise Labridy et Claire Piette.

O funcionamento do dispositivo: pensando com Green sobre a dinâmica das *Rodas*

Green é um autor que trabalhou insistentemente sobre a revisão e a extensão da noção de enquadre quando analisou a passagem da psicanálise do modelo do sonho para o do ato. Ao analisar esta passagem, ele afirma que “quanto menos o enquadramento clássico funciona, mais chego a pensar que a unidade do campo psicanalítico não pode se situar em outro lugar além do analista, em seu *pensamento clínico*” (GREEN, 2019, p. 92). Para ele, a clínica psicanalítica cria um novo campo epistemológico pois não temos “somente uma teoria da clínica (uma técnica), temos também um pensamento clínico: um modo original e específico de racionalidade que emerge da experiência clínica e, ao mesmo tempo, é responsável por sua fundação... uma circularidade recursiva ... descrita pela epistemologia complexa de Edgar Morin” (*Ibid.*, p. 77).

Na psicanálise em extensão, as modificações no enquadramento são de ordem bem mais radical do que as da passagem abordada por Green, o que nos leva ao imperativo de nos instituímos como analistas capazes de trabalhar tendo como fundamento, além de uma teoria da clínica, um pensamento clínico. Para tal, neste trabalho queremos nos aproximar da dinâmica singular das *Rodas de Conversa* priorizando as considerações de Green (2019) sobre o conceito de enquadre. Ele diferencia duas frações no enquadre: a matriz ativa e seu estojo (tradução possível de “*écrin*”). A matriz ativa é a parte dinâmica, aquela que deve sempre ser objeto de cuidado e de manutenção permanente. Já o estojo é o que abriga a matriz ativa e corresponde a todas as disposições materiais e formais: número e duração das sessões, a periodicidade dos reencontros, as modalidades de pagamento, a posição de atendimento – deitado, face a face, lado a lado –, atendimento individual ou em grupo. Para Green, as variações do enquadre (e da técnica em geral) têm um sentido preciso: criar as condições de possibilidade para o trabalho de representação, para o funcionamento da matriz dialógica, na medida em que ele está falando do par analista/analisante. O enquadre enquanto estojo é desenhado de modo a abrigar, da melhor forma possível, a joia do processo analítico.

Sobre a matriz ativa das *Rodas*

A matriz ativa é o próprio processo que acontece nas *Rodas* a partir da comunicação entre todos os membros do grupo. No início, os jovens estão ali en-

quanto sujeitos singulares numa situação de grupo, num encontro com os demais jovens e com profissionais que se apresentam como psicanalistas, seja lá o que isso representa no imaginário ou na experiência de cada um. Iniciamos pelo convite que é feito aos participantes na chegada às *Rodas* e que é reverberado várias vezes quando da entrada de novos participantes. O convite é assim: “A *Roda de Conversa* é um espaço no qual vocês podem colocar qualquer assunto. Da nossa parte, garantimos que o sigilo será mantido e, também, a ausência de julgamento. Gostaríamos de ouvir o que vocês têm a dizer”. O convite também propõe que os participantes se esforcem por manter igualmente o sigilo sobre o que é falado no grupo e exercitem o não julgamento.

Durante os encontros atuamos como catalisadores, reverberando colocações que dizem respeito à realidade psíquica, reconhecendo a importância das falas e fazendo a palavra circular. Afirmamos o dispositivo como *locus* propício às associações livres e aos processos transferenciais. Trabalhamos na transferência e na manutenção do enquadre. Nas *Rodas de Conversa*, a matriz ativa, é o grupo que deve ser objeto de cuidado e manutenção permanente, do grupo como um todo e dos coordenadores, em especial. Nossa matriz ativa é multi-lógica pois o grupo e seus protagonistas são construções efetuadas pelo próprio grupo. Cedo ou tarde o grupo tende a aceitar a tarefa⁵ (PICHON) de usar a conversa como meio maleável (ROUSSILLON), graças à existência de um dispositivo clínico específico.

Para além da atuação como coordenadores durante os encontros, depois de cada encontro, elaboramos, em rodízio, uma crônica sobre o ocorrido e nos reunimos para sua leitura e comentários. A crônica e estes encontros relativizam a experiência singular de cada um dos coordenadores e permitem retroalimentar as escutas individuais em direção a uma produção coletiva. Por fim, ainda num esforço de cuidado permanente, nos reunimos com coordenadores de outras *Rodas* que participam do projeto, trocando sobre a dinâmica em cada *Roda* e debatendo bibliografias.

5. Jasiner (2016), leitora de Pichon Rivière, define os grupos centrados numa tarefa como “aqueles em que a tarefa é um eixo em torno do qual o grupo se organiza. Não devendo ser confundido com grupo operativo que é ‘uma técnica, uma abordagem particular deste dispositivo que supõe um estilo de coordenação’” (JASINER, 2016, p. 27).

Sobre o estojo

Sobre o estojo, achamos interessante explorar um pouco a ideia do “enquadre idealmente normal” proposto por Bleger, quando estuda o significado psicanalítico do quadro nos trabalhos em instituições. Trabalhar numa instituição significa ter em conta que sempre há nela algo que se constitui como um quadro que permanece independente do processo clínico em curso. Este instituído fornece uma trama, uma materialidade que se constitui como um quadro institucional, não processual. No entanto, mudanças institucionais ocorrem e modificam a forma como o grupo habita a instituição, alterando tanto o estojo quanto a matriz ativa. Já enfrentamos quebras na periodicidade dos encontros, na duração do trabalho, mudanças no local dos encontros, bem como encontros em locais pouco apropriados, além de mudanças institucionais repentinas em função de troca de patrocinadores ou da pandemia.

Bleger problematiza, ainda, a questão do quadro “idealmente normal” sobre um outro ângulo, que nos parece bem interessante para pensar nossa experiência nas *Rodas*. Para ele, o quadro é tanto uma troca de tempo e espaço entre analista e analisando de forma compactuada, quanto o depositário de todo um mundo fantasmático em que se abriga “a parte mais regressiva, psicótica do paciente (para todo tipo de paciente)” (BLEGER, 1988, p. 321).

No *Tá na Roda*, a instituição fica como depositária tanto do ambiente com que os jovens convivem na vida real (desigualdades, preconceitos, etc.), como daquele que eles gostariam de ter na vida real (portas abertas para o mundo artístico, a arte como salvação, etc.). A reiterada denúncia sobre as diferenças entre o modo como são tratados e o modo como a instituição os reconhece refletem questões tanto objetivas quanto fantasmáticas que se sobrepõem nos embates com o funcionamento da instituição.

As nossas observações sobre o estojo da prática clínica em instituições nos levam a concluir que ela se dá, necessariamente, imersa em um entrelaçamento de quadros que influenciam de modo diferenciado as relações entre a fração da matriz ativa e a do estojo. Nas palavras de Green, cabe a nós enquanto coordenadoras, produzir, ao longo dos encontros e depois deles, constantemente um pensamento clínico: “um pensamento do analista que acompanha dentro do enquadramento os movimentos de transferência e contratransferência” (GREEN, 2019, p. 150).

Uma descrição de uma dinâmica singular do *Tá na Roda*

Em nossa experiência, cada grupo é um grupo singular e falar de sua dinâmica é a única forma de se aproximar das questões trazidas pelo e ao grupo ao longo dos encontros, do trabalho efetuado e das questões dele provenientes bem como dos caminhos elaborativos percorridos. Neste trabalho, respeitando as questões de sigilo envolvidas, descreveremos as voltas percorridas em um trabalho clínico que se desdobrou ao longo de 22 encontros entre 25 jovens e duas coordenadoras como participantes.

1ª volta da *Roda*: Sobre as contingências e as dificuldades de aceitação de si

No primeiro encontro, nos sentamos em círculo, explicamos nossa proposta de trabalho e, em seguida, nos apresentamos. Propusemos que eles também se apresentassem — para que os colegas pudessem começar a conhecê-los. As apresentações revelaram grande disposição a falar de si ao grupo. Seguiram a ordem natural da *Roda* falando de circunstâncias e escolhas feitas ao longo da vida até que uma das pessoas leu o que havia escrito: “quero fazer com que minha dança toque as pessoas e poder através dela trabalhar a autoestima de meus futuros alunos”, e comentou como era difícil acreditar em si mesma. Uma coordenadora pontuou sua fala, enfatizando que ela havia dito algo importante e sublinhou: como era difícil acreditar em si mesma. Mas a jovem não reagiu e continuou falando. Dois jovens a interromperam e reiteraram a importância de ela ouvir e de o grupo ouvir o que ela havia dito. Essa quebra, mudou a dinâmica da *Roda*: todos entraram na conversa, falando sobre as dificuldades de optar pela arte, de levar essa opção adiante, e sobre o interesse pela Cultura popular. Assim passamos do depoimento individual à fala que porta a voz do grupo. Às coordenadoras coube exercer a escuta e pontuar que ali há algo a ser ouvido, mas foi o grupo que decidiu o que e como ouvir.

No segundo encontro propusemos explorar o tema das *Circunstâncias x Escolhas*, prenhe nas apresentações anteriores em que muitos falaram de mudanças forçadas de moradia, de lar, de escola que os levaram a novas escolhas. A associação dos alunos foi com o casamento do príncipe Harry com Megan, que tinha ocorrido naquela semana. Brincamos sobre as circunstâncias dos noivos: já nascer como príncipe ou ser plebeia e chegar à nobreza. Demos um tempo para discutirem sobre o tema em grupos de três e depois voltamos para a *Roda*.

Quem começa? Uma jovem hesita, mas termina por contar que é soropositiva para HIV, “passado pela mãe na amamentação”. Estas são as circunstâncias de seu nascimento. Mas diz que isto deu sentido à sua vida. Se diz contente porque contou e pede para ninguém sair falando disso por aí. Todos ficam muito mobilizados. Batem palmas quando ela termina.

Sua fala abre espaço para vários relatos sobre as *circunstâncias* do nascimento que deslizam para situações de abandono: “Fui abandonado por pai e mãe e criado pela minha avó. Quando ela morreu, não quis mais continuar. Estou nessa instituição como apoio, mas nem sei como prosseguir”. Na mesma linha: “eu também não tenho ninguém. Moro sozinho. Olho para um lado, olho para o outro, ninguém”. Uma menina diz que agora ele tem ali no grupo uma família. Outro jovem compartilha que não sabe quem é o pai e não tem condições de saber. A associação do grupo é que ele não tinha pai e por isso achava que não tinha base. Outro jovem conta que quando ele disse à mãe que era gay aos doze anos, ela disse a ele que queria vê-lo morto.

A cada fala ocorrem manifestações de solidariedade, choro e palmas. No final do encontro, um abraço conjunto, seguido do Pai Nosso, sem incluir as coordenadoras. Este encontro foi catártico, emocional e solidário a ponto de se autointitular, depois deste encontro, o “grupo do choro”. Fomos surpreendidas por esta intensidade.

No terceiro encontro, com a continuação dos relatos, reapareceu a contingência corporal e sexual. Ser preto, ser gay em criança, na adolescência, ser gordo, ser gostosa e poder ser estuprada. Comentaram como a exclusão social e familiar termina em não aceitação de si. E terminaram na inveja dos que não passam por isto.

Este *Tá na Roda*, em especial, começou com uma grande entrega por parte dos jovens que trouxeram as lutas da vida com o coração na boca e o peito aberto desde o primeiro encontro. A *Roda* foi de pronto usada como local para se conhecer melhor e como local de catarse. Nossa protagonista do segundo encontro abriu as portas para a narrativa de experiências de heranças genéticas traumáticas, seja pela transmissão de doenças, por abandonos, por desconhecimento de paternidade ou por rejeição de características pessoais pelos familiares e pela sociedade. O grupo se aproximou pela necessidade de narrar, de sair do solipsismo e viu nas palmas e no choro uma forma de comunhão, talvez por aproximação a experiências vividas nas igrejas como atesta a reza ao final. Esta foi uma particularidade deste grupo, a confiança para soltar a voz no grupo se deu de imediato quase como uma necessidade imperiosa, um pedido de ajuda, de testemunho ou de cumplicidade.

2ª volta da *Roda*: Da ênfase nas soluções rápidas e o aparecimento das cancelas.

Enquanto coordenadoras entendemos e podíamos ler as questões trazidas nos primeiros encontros como experiências subjetivas traumáticas que se reapresentavam em busca de simbolização e integração. A tarefa das *Rodas* é instaurar um entorno maleável no qual estas experiências possam ser mais do que evacuadas. Elas precisam ser transferidas para que possam ser acolhidas, contidas e, por fim, quem sabe, metabolizadas. Parecia precoce confiar que a troca no grupo podia dar conta, naquele momento, de contribuir para tal. Por isso, optamos por instaurar alguns encontros clínicos de mediações que se caracterizam pela utilização de um meio maleável (um objeto) que vem se juntar ao meio central da palavra. “Tenta-se, com o meio maleável, atribuir forma àquilo que não pode se desenrolar diretamente na troca com o clínico” (ROUSSILLON, 2019, p. 23). Propusemos, então, a criação de cartazes em grupos, de no máximo três pessoas, para expressarem o que havia acontecido nos encontros até então.

Vale a pena descrever alguns desses cartazes. Um primeiro falou da própria *Roda de conversa* através de uma poesia e de um desenho que a ilustrava:

“Encontro que marca a alma
Palavra que inspira, acalma
Pranto que lava e ensina
Renova o brilho da retina
Respeito”.

Três outros cartazes enfatizaram o enfrentamento das contingências da vida. Um com frases de autoajuda. Um outro propondo uma substituição através do desenho de um boneco do qual saiam setas vermelhas representando as circunstâncias, a baixa autoestima, a tristeza, o abandono, a raiva, a solidão, a depressão e o vazio. Enquanto do outro lado entravam setas verdes representando a arte, a família, a conversa, a empatia, as decisões, a confiança, a amizade... Um terceiro cartaz, propunha um desenho de um caminho rizomático que se originava em instinto, pensamento, autenticidade, autonomia e ia crescendo passando por músicas (“Sonho meu...”, “O meu amor...”), arte, amor, respeito e, lá no canto, “vem ver brilhar mais um menino que você abandonou”.

Outro cartaz representava uma porta que se abria mostrando as descobertas que vinham associadas a estar na instituição: artes plásticas, encontros, novas paixões, meditação, entre outras...

Numa outra linha de pensamento, um cartaz foi apresentado com o título: “O que a Globo não noticia: minha realidade é a guerra do tráfico”. Trazia um apelo: Paz na favela. O Cristo Redentor fumando e com aparência de Bob Marley, o bondinho do Pão de Açúcar ligando o Jacarezinho ao morro da Providência (bairros onde alguns deles moram) tudo cercado por carros do Core, do Bope e um helicóptero das Operações Especiais (órgãos da Secretaria de Segurança que fazem operações nas favelas do Rio).

A confecção e as discussões sobre os cartazes foram muito importantes para discutir reações diferenciadas frente às contingências. Enquanto coordenadoras nos emocionou a visão do rizoma que salientava a importância do amor e da arte para que se possa chegar a ter orgulho do menino abandonado. Também se destacou o aparecimento da contingência social tanto representada pela nova porta propiciada pela instituição quanto pelo cartaz intitulado “o que a Globo não noticia: minha realidade é a guerra do tráfico”. A substituição do Cristo Redentor por Bob Marley, o bondinho ligando o Jacarezinho ao Morro da Providência e o fato de estar cercado de aparatos de segurança nos trouxe de forma sintética e artística a diferença de realidades vividas por populações que habitam o território carioca.

Entram em cena a desigualdade, as diferenças. Alguém conta de uma peça de teatro a que foi assistir na Zona Sul. Havia uma cena em que uma mãe perdia um caminhão de brinquedo que representava o filho. Relata que os que estavam com ele e ele próprio choraram, se identificando com a mãe. Enquanto isso, o restante da plateia ria. Eles dizem que empatizaram com a cena porque vivem isto. Perguntamos se é preciso viver a mesma cena para empatizar.

O tema se desloca então para aqueles que moram na favela, mas dizem que moram em comunidade; os que moram em ruas da Pavuna, mas colocam cancelas para fingir que moram em condomínios fechados. Falam de como são postos à parte por preconceitos e como se isolam, por proteção.

Cancelas. Também no grupo parecia estar havendo um movimento de separação em dois grupos, aqueles que sempre falam e outros que sempre ficam à parte. Duas integrantes do grupo conversam entre si, à parte. Perguntamos se querem falar com o grupo. Alguém diz que elas só falam putaria. Uma coordenadora diz que também gostamos de putaria. Todos riem e se empolgam.

O trabalho é interrompido por um grupo que passa lá fora e chama dois meninos sentados perto da janela. Um dos jovens que foram falar com as visitas, volta comentando que havia confirmado para o “americano” que ele é “jovem, negro e carente”. Perguntamos o que isso queria dizer? Uma menina responde, cito: “A instituição (ela citou o nome) faz uso da gente para ter finan-

ciamento, dizendo que tenta dar uma oportunidade para ver se a gente dá certo na vida”. Comentamos que este tema deveria ser mais discutido, mas não tínhamos tempo naquele momento, pois estávamos no final da *Roda*.

Na vez seguinte, perguntamos se queriam continuar o assunto do encontro anterior. Ninguém fala. Lembramos que a putaria tinha ficado de fora. Eles se animam. Falam em fazer um filme pornô e em fingir ou não fingir. Uma coordenadora pega o mote fingir ou não fingir e pergunta: “vai para a *Roda*?”.

Um dos jovens fala de fingir ser alguém perigoso quando volta para casa à noite: diz ele, “assim as pessoas não me atacam, pensam que eu sou um deles”. Falam em situações em que são parados pela polícia como bandidos ou do ônibus que arranca sem deixá-los subir, pois algum passageiro ficou com medo.

Uma das coordenadoras lembra das pessoas da janela do último encontro. Eles fazem um discurso falando de como o negro é logo rotulado e discriminado. Se revoltam contra o racismo e essa revolta logo se volta contra a instituição. Pedem para intercedermos. Esclarecemos que esta não é nossa função, mas que podemos ajudá-los a pensar um modo de lidar com a situação. Avisamos, também, que por motivos institucionais, trocaremos de sala na próxima semana.

No decorrer das *Rodas*, o entrelaçamento de enquadres – social, institucional – como depositário de um mundo fantasmático se presentifica. A instituição e os patrocinadores tomam o lugar de um outro que me abre oportunidades, mas me vê como alguém que pode não dar certo. E eles, como se veem? Eles começam a questionar a possibilidade de alguém de fora entender o que se passa com eles. Melhor erguer cancelas e ficar entre iguais? A transferência com as coordenadoras também é afetada na medida em que somos, obviamente, daqueles do outro lado da cancela. Será que damos conta de participar da putaria?

3ª volta da *Roda*: Desmoronamentos do *setting* físico

Chega o dia da mudança de sala. A precariedade e a diferença em relação à sala anterior se impõem. Discutimos a situação. Impera o rebaixamento e a inveja frente aos jovens dos cursos profissionalizantes que ficaram com a “nossa” sala. Nesta volta da *Roda* resistimos juntos ao desmoronamento do *setting* físico tanto por conta da mudança para uma sala mais precária quanto como por conta de um curto-circuito. A quebra do estojo certamente influenciou na ma-

triz ativa. As cancelas aparecem na instituição onde os alunos do profissionalizante têm ruas particulares e na *Roda* onde eles se dividem entre os defensores do isolamento e os que, apesar de reconhecerem as diferenças, optam por sair dele.

Em outro encontro, mal começamos a *Roda* ouvimos um estouro fazendo a sala ficar escura. Passada a agitação do curto-circuito, M – o rapaz que se apresentou como aquele que está inteiramente sozinho, não tem mais ninguém – sugeriu que contássemos histórias de terror. “Quando era pequeno, os antigos, minha avó e meu tio, contavam histórias que me aterrorizavam”. O grupo se entusiasmou e M assumiu a palavra várias vezes, para contar histórias de mortos que povoam os lugares e aparecem como sombras nos espelhos.

E o tema desliza para os sonhos. Um jovem comenta sobre a aparição e a desapareção de elementos no sonho e como isso pode ser confuso. Uma das coordenadoras fala um pouco como o sonho é uma produção nossa e, por isso, também fala de nós. Eles se empolgam. Uma menina comenta que anota seus sonhos. Outros falam de como controlam o sonho. Acordam quando fica ruim demais e tentam mudar o sonho.

Um jovem começa a contar de seu sonho de criança que se repetia: estava atravessando uma passarela e esta não tinha bordas. Ele ia para lá e para cá quase caindo. Era muito assustador. Outro diz que sempre sonha em cair. Uma coordenadora pergunta como eles veem hoje estes sonhos que sempre voltavam. No entanto, eles querem continuar falando. Uma jovem diz que quando criança sempre sonhava com mar e uma onda grande, que afogava ou se segurava numa pedra, mas a onda batia em sua mãe, que morria; mas seu sonho foi mudando e depois já sabia quando vinha a onda grande e saía. Uma das coordenadoras aponta para as diferenças entre ser invadido pelo terror e ir sonhando sonhos que se modificam.

A falta de luz enseja a intimidade, a volta às questões pessoais. Trazem as sensações e pedem testemunho (não optam pelo esquecimento). Mas as falas se sucedem num ritmo de jorro. Difícil instituir a pausa. Difícil parar de falar para ser ouvido pelo outro e para se ouvir. Das falas emerge um tema: passividade ou atividade frente às situações. Passividade que se apresenta como os terrores que me invadem, morte, cair da passarela, ser afogada pela onda. Atividade que se presentifica com mudar sonhos, acordar, sonhar diferente.

4ª volta da *Roda*: A defasagem entre a instituição imaginada e a existente

Nesse momento, nas *Rodas*, se repetiam incessantemente as reclamações sobre a instituição. Propusemos então que se dividissem em dois grupos: um seria “os representantes da instituição: direção, coordenação e professores” e outro “os jovens participantes”. Pedimos que os grupos simulassem um diálogo, cada grupo representando o papel que lhe cabe.

Todo o processo e a encenação, em um primeiro momento, reproduziram as reclamações que já estavam circulando nos grupos: a desconfiança, o sentimento de serem invalidados por posturas julgadas autoritárias e a desilusão provocada pela diferença entre o que esperavam e o que encontravam. Puderam expressar também o quanto debochavam, intimamente, das figuras vistas como autoritárias e poderosas.

As certezas balançam um pouco quando as coordenadoras sugerem inverter os papéis. O grupo “jovens” começa a ficar mais participativo. Reconhecem que a instituição precisa de financiamento. Alguns conseguem imaginar alternativas para promover a instituição, como mostrar o produto e o funcionamento das oficinas. Ainda em meio a muitas queixas, conseguem também argumentar que não há só intolerância pois são admitidas exceções, desde que você informe quais são as suas dificuldades específicas. Parecem entender que o que pedem, por vezes, é que a instituição ceda cada vez mais. Está na hora de terminar, mas o grupo parece animado em poder agir. Na encenação puderam começar a discriminar suas queixas e discutir, um pouco, sobre modos de agir nas diferentes situações.

Entendemos que estávamos trabalhando com a transferência com a instituição. Há um *gap* entre a instituição imaginada e a real. Eles sentem, com maior ou menor ênfase, esta defasagem. Sentem que a instituição os coloca como lutadores e artistas, enfatizando o positivo, mas também não deixa de considerar a possibilidade de resgatá-los de um destino marginal. Essa dicotomia lhes é familiar. Nós mesmos já presenciamos, em outras *Rodas*, eles se colocando como tendo como horizonte futuro “ser dono de bordel ou de um cartel”.

5ª volta da *Roda*: Despedida

No antepenúltimo encontro, começamos a fazer um “balanço” do vivido pelo grupo. Comentamos que como a atividade é obrigatória, vivemos diferentes

formas de participação: desde as mais ativas até uma presença “só de corpo e não de alma”. O que cada um pode levar de nossos encontros?

Depoimentos:

– “Quando eu soltar minha voz, por favor entenda...”, afirma M.

– O trabalho do grupo cria “um espaço de debate realmente aberto. Isso não é algo comum e muitas vezes, no começo, a gente nem sabe como usar”.

– “O grupo foi bom para a gente se comunicar. Não apenas para sermos ouvidos, mas também para ouvirmos”.

O último encontro, tradicionalmente, é uma confraternização. A participação foi maciça. O grupo mais empolgado foi o dos “isolacionistas”. F foi o porta-voz do grupo comentando sobre as comidas oferecidas. Disse que o bolo que uma das coordenadoras trouxe estava ótimo. “Se você não for mais psicóloga, pode ser doceira”. Propõe ainda substituir os sanduíches trazidos pela outra coordenadora pelos dele que são mais substanciais. Depois, agradece por termos resistido aos ataques ao longo dos encontros.

O rapaz que desenhou o cartaz “minha realidade é a guerra do tráfico” vem vestido de forma mais formal ao último encontro e porta um cordão de ouro. Trouxeram o jogo *Uno* para jogarmos em conjunto. É um jogo que simula uma *Roda* que pode inverter o sentido e que ganha quem terminar primeiro as cartas. Durante o jogo, este jovem poderia ganhar, mas não usa as cartas para tal. Seu amigo denunciou a situação e o grupo o interpretou. “Ele tem as condições, mas não pode ganhar”.

Importante salientar como no trabalho do *Tá na Roda* se presentifica o sofrimento psíquico proveniente da desigualdade social. Durante os encontros, eles narram situações em que são identificados a bandidos, seja pela polícia ou por passageiros de ônibus. Abordam como sofrem preconceitos e como se isolam, por proteção. Falam sobre cancelas. Narram como uma ida ao teatro na zona sul atesta a existência de um “nós e eles” em relação ao pessoal da zona sul que não pode entender o sofrimento deles. Como, por vezes, fingem ser bandidos para não serem atacados por estes. Estas diferentes formas de reagir a essas situações os colocam em diferentes posições que afetam os movimentos transferenciais no grupo e em relação às coordenadoras. Enquanto coordenadoras mantivemo-nos dentro do enquadre, lidando com os movimentos transferenciais e contrasferenciais que ali emergiam,

Observações finais

A estrofe inicial da música *Sangrando* de Gonzaguinha foi trazida por um dos jovens quando perguntamos o que ficaria da Roda para eles. Achamos interessante lembrar a letra da música:

“Quando eu soltar a minha voz
Por favor entenda
Que palavra por palavra
Eis aqui uma pessoa se entregando.

Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando

Quando eu abrir minha garganta
Essa força tanta tudo que você ouvir
Esteja certa
Que estarei vivendo

Veja o brilho dos meus olhos
E o tremor de minhas mãos
E o meu corpo tão suado
Transbordando toda a raça e emoção

E se eu chorar
E o sal molhar o meu sorriso
Não se espante, cante
Que o teu canto é minha força
Pra cantar

Quando eu soltar a minha voz
Por favor entenda
É apenas o meu jeito de viver
O que é amar”

“Quando eu soltar a minha voz, por favor me entenda...” é um chamado por uma resposta de um outro. Gonzaguinha pede que este outro entenda a narrativa como um ato performativo em que experiências são revividas com toda a intensidade emocional com que ocorreram. E pede para aquele que escuta que não se espante com a intensidade da emoção e continue a cantar pois do canto do outro virá a sua força.

Ouvir, deixar falar e possibilitar a afetação a partir de narrativas do cotidiano ou da descrição de gestos invalidados pela falta de reconhecimento podem conduzir o sujeito ao encontro de suas potencialidades. Sendo assim, para nós analistas, escutar durante as *Rodas* tem significado poder contribuir para que estes jovens possam se contrapor à naturalização e à invisibilidade que caracterizam situações que muitas vezes foram silenciadas. Testemunhar e reconhecer sua luta dentro de um espaço de escuta, mas permanecer psicanalistas, “sem memória e sem desejo”, ecoando Bion, muitas vezes, é um desafio. Contratransferências testadas no limite e esforços extras para canalizá-las em prol da escuta clínica. Grande aprendizado.

Tramitação

Recebido 28/02/2023

Aprovado 08/03/2023

Referências

- BLEGER, J. *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BROIDE, J.; BROIDE, E. E. *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções*. São Paulo: Escuta, 2016.
- BRUN, A.; CHOUVIER, B.; ROUSSILLON, R. *Manuel des médiations thérapeutiques*. Paris: Dunod, 2013.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits II - 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.
- FRANCO, F. L. F. N. *Da biopolítica à negrogovernabilidade: um estudo sobre dispositivos de desaparecimento no Brasil?* 2018. Tese. (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-25022019-112250/publico/2018_FabioLuisFerreiraNobregaFranco_VOrig.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- JASINER, G. *Coordinando grupos: uma logica para los pequenos grupos*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2016.

ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*.

Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.

URRIBARRI, F.; GREEN, A. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo: diálogos*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.